



A Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo, no Teatro Municipal de 11 a 18 de fevereiro de 1922. O principal propósito da exposição era romper com o modelo artístico imposto pela Europa.

Entre os artistas que participaram da semana de arte moderna estavam: **Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Vítor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti.** Baseado no questionamento dos rumos que a sociedade vinha seguindo, intelectuais e artistas de várias partes do mundo usaram a arte como meio de denunciar os novos valores que a sociedade tecnológica passou a impor ao cidadão. A arte deveria se desvincular do padrão elitista imposto pelos museus e estimular o desenvolvimento artístico baseado na criatividade e inovação. Em um contexto social marcado pela agitação do crescimento urbano, da industrialização, dos movimentos operários e da disseminação de ideais socialistas, os modernistas estimularam a criação de uma arte sem vínculo com a Europa, uma arte verdadeiramente nacional.

Desvinculado de padrões anteriormente impostos, o movimento causou grande repercussão, principalmente entre a elite paulistana que idolatrava tudo aquilo que era produzido no cenário cultural europeu.



Inserida nas festividades em comemoração do centenário da independência do Brasil, em 1922, a Semana de Arte Moderna apresenta-se como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX.

“Sem programa estético definido, a Semana desempenha na história da arte brasileira muito mais uma etapa destrutiva de rejeição ao conservadorismo vigente na produção literária, musical e visual do que um acontecimento construtivo de propostas e criação de novas linguagens. Pois, se existe um elo de união entre seus tão diversos artífices, este é, segundo seus dois principais ideólogos, Mário e Oswald de Andrade, a negação de todo e qualquer “passadismo”: a recusa à literatura e à arte importadas com os traços de uma civilização cada vez mais superada, no espaço e no tempo. Em geral todos clamam em seus discursos por liberdade de expressão e pelo fim de regras na arte. Faz-se presente também certo ideário futurista, que exige a deposição dos temas tradicionalistas em nome da sociedade da eletricidade, da máquina e da velocidade.” (enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp)



Na palestra proferida por Mário de Andrade na tarde do dia 15, posteriormente publicada como o ensaio *A Escrava que Não É Isaura*, 1925, ocorre uma das primeiras tentativas de formulação de ideias estéticas modernas no país. Nessa conferência, o autor antevê a

importância de temperar o processo de importação da estética moderna com o nativismo, o movimento de voltar-se para as raízes da cultura popular brasileira. A dinâmica entre nacional e internacional torna-se a questão principal desses artistas nos anos subsequentes.

Sabe-se que, com respeito à elaboração e à apresentação de uma linguagem verdadeiramente moderna, a Semana de 22 não representa um rompimento profundo na história da arte brasileira. Pois no conjunto de qualidade irregular de obras expostas não se identifica uma unidade de expressão, ou algo como uma estética radical do modernismo. No entanto, há de se reconhecer que, a despeito de todos os antagonismos, esse evento configura-se como um fato cultural fundamental para a compreensão do desenvolvimento da arte moderna no Brasil, e isso sobretudo pelos debates públicos mobilizados (cercados por reações negativas ou de apoio) e riqueza de seus desdobramentos na obra de alguns de seus realizadores.

Os Sapos

O poema Os sapos é um clássico do escritor brasileiro Manuel Bandeira criado em 1918 e publicado em 1919 no livro Carnaval. Os versos fazem uma sátira ao movimento Parnasiano, que precedeu o Modernismo, e foi declamado por Ronald de Carvalho durante a Semana de Arte Moderna de 1922.

<p>Enfunando os papos, Saem da penumbra, Aos pulos, os sapos. A luz os deslumbra.</p> <p>Em ronco que aterra, Berra o sapo-boi: - "Meu pai foi à guerra!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".</p> <p>O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: - "Meu cancioneiro É bem martelado.</p> <p>Vede como primo Em comer os hiatos! Que arte! E nunca rimo Os termos cognatos.</p> <p>O meu verso é bom Frumento sem joio. Faço rimas com Consoantes de apoio.</p>	<p>Vai por cinquenta anos Que lhes dei a norma: Reduzi sem danos A fôrmas a forma.</p> <p>Clame a saparia Em críticas céticas: Não há mais poesia, Mas há artes poéticas..."</p> <p>Urra o sapo-boi: - "Meu pai foi rei!" - "Foi!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".</p> <p>Brada em um assomo O sapo-tanoeiro: - A grande arte é como Lavor de joalheiro.</p> <p>Ou bem de estatuário. Tudo quanto é belo, Tudo quanto é vário, Canta no martelo".</p>	<p>Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe), Falam pelas tripas, - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".</p> <p>Longe dessa grita, Lá onde mais densa A noite infinita Veste a sombra imensa;</p> <p>Lá, fugido ao mundo, Sem glória, sem fé, No perau profundo E solitário, é</p> <p>Que soluças tu, Transido de frio, Sapo-cururu Da beira do rio...</p> 
---	---	---

Análise do poema

Bandeira consegue em Os sapos reproduzir as características essenciais defendidas pelos parnasianos. Trata-se, portanto, de um poema que carrega métrica regular e preocupação com a sonoridade, imitações que neste caso estão a serviço da rejeição à poesia parnasiana.

Os versos trabalham com a ironia e com a paródia a fim de despertar o público leitor para a necessidade de ruptura e transformação da poesia.

Os versos de Manuel Bandeira são metalinguísticos porque falam da própria poesia, ou melhor, daquilo que a poesia não deveria ser. Os sapos refletem sobre o que supostamente é a arte e o bom poema. O que o diálogo imaginário entre os sapos produz é um exercício de reflexão sobre as normas de composição dos versos.

Os sapos mencionados (o boi, o tanoeiro, o pipa) são metáforas dos diferentes tipos de poetas. O sapo-tanoeiro é um típico exemplar do poeta parnasiano, que destila as regras de composição:

O sapo-cururu, por sua vez, é uma representação do poeta modernista que aspira por liberdade e reivindica a simplicidade e o uso de uma linguagem cotidiana. Quando entra em cena, ele apresenta-se com uma opinião divergente se comparada a todos os outros sapos.

Bandeira, através da paródia, critica a preocupação excessiva dos parnasianos com o aspecto formal da linguagem. Segundo o poeta e seus companheiros modernistas, esse estilo de poesia deveria ser ultrapassado.

SEMANA DE ARTE MODERNA

13/02/22- Segunda-feira

Casa cheia, abertura oficial do evento.

Espalhadas pelo saguão do Teatro Municipal de São Paulo, várias pinturas e esculturas provocam reações de espanto e repúdio por parte do público.

O espetáculo tem início com a confusa conferência de Graça Aranha, intitulada “Emoção estética na obra de arte”, propondo a renovação das artes e das letras.

15/02/22 -Quarta-feira

Palestra de Menotti del Picchia, ilustrada com poesias.

Solos de piano por Guiomar Novaes.

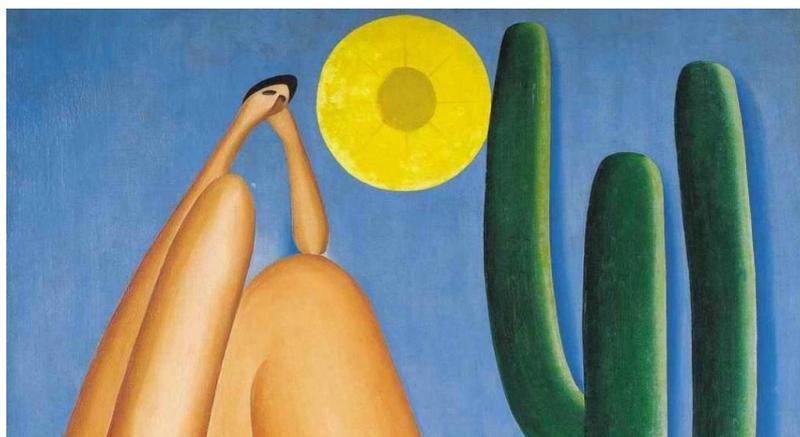
Participação: Oswald de Andrade, Luís Aranha, Tácita de Almeida, entre outros...

17/02/22 - Sexta-feira

O dia mais tranquilo da semana, apresentações musicais de Villa-Lobos, com participação de vários músicos.

A Semana de Arte Moderna serviu como vitrine para a exposição de um novo ideal artístico. Aos poucos, o modernismo foi ganhando força e sendo implantado na sociedade brasileira. Vários movimentos se originaram nesse período: **Movimento Pau-Brasil, o Movimento Verde-Amarelo e Grupo da Anta, e o Movimento Antropofágico.**

A obra ao lado, de Tarsila do Amaral, intitulada de Abaporu, que significa homem que come carne humana, simboliza a incorporação de novas culturas no Brasil.



Fatos curiosos sobre a Semana

🚩 Monteiro Lobato foi ferrenho opositor dos modernistas

As raízes do Modernismo brasileiro, e da própria Semana, vêm de um acontecimento de cinco anos antes. Em 1917, Anita Malfatti, recém-chegada da Europa, montou uma exposição com suas obras em São Paulo, considerada a primeira exposição modernista do Brasil. No dia 20 de dezembro, o escritor Monteiro Lobato publica um artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* que sacudiu a sociedade e a crítica. Com o título de “Paranoia ou mistificação? ”, o artigo-bomba critica ferozmente a exposição de Malfatti, apesar de reconhecer seu talento. Ao longo do texto, ele diz que as formas distorcidas e abstratas representadas nas obras modernistas seriam fruto de “cérebros transtornados por psicoses” e defende a arte tradicional da época, dizendo que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis”. O

resultado: uma extensa briga entre defensores dos movimentos modernistas e apoiadores da arte clássica.

✚ A Semana foi financiada pela oligarquia paulista

Com o artigo de Monteiro Lobato, os autores e artistas modernistas começaram a planejar os próximos passos para a difusão do movimento no cenário brasileiro. Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que também eram jornalistas, usavam de seu espaço nos jornais para expor o Modernismo e defendê-lo das críticas. Surgiu, então, a ideia de fazer a Semana de Arte Moderna, no suntuoso Theatro Municipal de São Paulo e no mesmo ano em que a declaração de Independência completaria 100 anos. A data escolhida foi simbólica e representaria a “segunda” independência do Brasil – mas, desta vez, no sentido artístico.

Nesse momento, o apoio da elite paulista foi fundamental. À época, em pleno auge do período das oligarquias na República Velha, a oligarquia paulista tinha interesse em tornar São Paulo uma referência em criação cultural, posto que era ocupado pelo Rio de Janeiro. Além disso, o início da efervescência paulista passou a se contrapor ao conservadorismo carioca, que era bem mais tradicional no ramo das artes e, por isso mesmo, tinha um estilo mais consolidado e conservador. Assim, a Semana de Arte Moderna foi amplamente financiada pela elite cafeeira, que tomou a frente do evento que teria projeção nacional.



“O homem amarelo” e “A estudante russa”, obras de Anita Malfatti que foram expostas na Semana.

✚ Era para ser uma semana, mas só durou três dias

Talvez porque a intenção fosse, de fato, experimentar e provocar mudanças, a Semana de Arte Moderna, na verdade, durou apenas três dias, alternados. O evento esteve anunciado e programado para ocorrer entre os dias 11 e 18 de fevereiro, mas o Theatro foi aberto para as exposições nos dias 13, 15 e 17.

Em cada dia, as apresentações foram divididas por tema: no dia 13, pintura e escultura; no dia 15, a literatura; e no dia 17, a música. Ironicamente, alguns dos nomes mais importantes do Modernismo não estiveram presentes na Semana. É o caso de Tarsila do Amaral, provavelmente a pintora mais conhecida do movimento, que estava em Paris, e Manuel Bandeira, que ficou doente e faltou à declamação do seu próprio poema, *Os sapos*, no segundo dia.

✚ O público não gostou

Toda aquela modernidade não agradou ao público. As pinturas e esculturas, de formas estranhas, fizeram os visitantes se perguntarem se os quadros estavam pendurados da maneira certa. Os poemas modernistas eram declamados entre vaias e gritos da plateia. Conta-se, inclusive, que no último dia o músico Heitor Villa-Lobos entrou para sua apresentação calçando sapato em um pé e chinelos no outro, o que foi considerado um desrespeito pelo público presente. Não deu outra: ele foi vaiado furiosamente. Depois, o maestro explicou que fora calçado assim porque estava com um calo no pé.

A reação dos visitantes ecoou entre os especialistas, que tratou o movimento como desimportante e retomou as críticas vorazes de Monteiro Lobato. De fato, à época, a Semana de Arte Moderna não teve tanta importância. Mas, nos anos seguintes, o evento passou a ser considerado o marco que inaugurou o Modernismo no país e provocou os efeitos sentidos em todos os aspectos da cultura brasileira.